

O ATRAVESSAMENTO DOS DIAGNÓSTICOS DE TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO NO DISCURSO DE EDUCADORES

Giovana Afonso de Castro Abreu

Orientadora: Maria Cristina M. Kupfer / Co-responsável: Ana Beatriz C. Lerner

Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo

giovana.abreu@usp.br

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e analisar as implicações e efeitos produzidos pelo atravessamento do discurso médico na escola, especificamente no caso dos diagnósticos de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), à luz de conceitos da teoria psicanalítica, sobretudo lacaniana.

Métodos e Procedimentos

Para os fins aqui propostos, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com professores de Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) do município de São Paulo que trabalham com a questão da inclusão escolar. A elaboração desse método foi alicerçada na concepção lacaniana de discurso, segundo a qual o sujeito e, por conseguinte, os laços sociais são efeitos do discurso (Lerner, 2013).

Por fim, foi feita uma análise dos discursos com vistas à extração de significantes e de linhas de significação que se faziam relevantes frente ao objetivo da pesquisa. Os fragmentos discursivos destacados foram organizados em cinco categorias. A teoria psicanalítica, especialmente as noções de constituição do sujeito, diagnóstico e Educação Terapêutica (Kupfer, 2010) foram utilizadas como operadores dessa análise, tendo em vista a concepção de tratamento clínico-educacional e a de educação e escola como uma rede discursiva que define lugares e produz subjetividade.

Resultados

Ao pensarem sobre a presença e a função do diagnóstico na escola, o significante "laudo" (médico ou psicológico) é imediatamente evocado na fala dos educadores. Repete-se nos discursos a ideia de que o laudo é importante, mas não é essencial ou suficiente, já que a relação com tais crianças "estranhas" não é fixa e se dá em uma construção diária. Ao mesmo tempo, no entanto, os educadores afirmam que quando uma criança é percebida como "não normal", como "diferente", buscam sempre a emissão do laudo – ou seja, encaminham a criança aos "especialistas", ainda com o imaginário do diagnóstico como uma solução e do especialista como alguém que invariavelmente sabe mais sobre aquela criança e pode pensar em estratégias mais "eficazes".

Dentre os efeitos do diagnóstico – e, portanto, do discurso médico – que comparecem nos discursos dos educadores, podemos ressaltar, então: essa desautorização da escola em suas práticas pedagógicas, a "delegação" do saber sobre a criança aos especialistas, os pré-conceitos advindos dos significados atribuídos ao diagnóstico que comparecem antes mesmo do encontro com a criança e o fechamento produzido

pelo diagnóstico – de forma que aquele aluno só pode ser visto como "o autista" ou "o aluno de inclusão" – o que Lacan chamaria de uma operação metonímica, que privilegia certos aspectos do objeto em detrimento de outros (Lerner, 2013), nos afastando das crianças reais, "nos predispondo para o encontro com um objeto e não com um sujeito" (Voltolini, 2009 apud. Lerner, 2013).

Esses efeitos se relacionam diretamente às insuficiências que são constantemente demarcadas e ressaltadas pelos educadores, sejam da formação pedagógica, de recursos, ou do estabelecimento da rede multidisciplinar – sempre há algo que falta.

Deparamo-nos aqui com o "mal-estar inevitável que há no processo educativo" (Patto, 2005), com o caráter do impossível da educação. Os discursos da especialização, do "não saber" dos professores e das insuficiências em geral aparecem então como um tamponamento dessa falta, de forma a escamoteá-la, negá-la.

Conclusões

Podemos concluir que o fortalecimento da rede multidisciplinar e a criação de espaços de circulação dos discursos dos educadores é condição essencial para que as posições discursivas cristalizadas da lógica da especialização, das insuficiências e do apagamento de singularidades, perpetuadas pelo atravessamento e supremacia do discurso médico na escola, se modifiquem. É justamente pela aceitação da falta e das limitações frente à inclusão e pelo oferecimento de suporte imaginário aos professores para que eles possam suportá-las que se torna possível um giro discursivo e, assim, a implicação dos professores e a autorização de seus saberes, de forma que possam inventar criativamente, no dia a dia, em conjunto com a criança-sujeito, estratégias que atuem na direção de uma escola efetivamente inclusiva.

Referências Bibliográficas

- Bastos, M. B., & Kupfer, M. C. M. (2010). A escuta de professores no trabalho de inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas. *Estilos da Clínica*, 15(1), pp. 116-125.
- Colli, F. A. G. & Kupfer, M. C. M. (Orgs). (2005). *Travessias: inclusão escolar: a experiência do Grupo Ponte - Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kupfer, M. C. M. e Pinto, F. S. C. N. (Orgs). (2010). *Lugar de vida, vinte anos depois*. Exercícios de educação terapêutica. São Paulo: Escuta/FAPESP. 288 p.
- Lerner, A. B. C. (2013) Consequências éticas da leitura psicanalítica dos quatro discursos para a Educação Inclusiva. Tese (Doutorado). São Paulo. 165 p.